

Data: 24.05.2019

Título: Como é que os comunicam antes de começar a falar

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

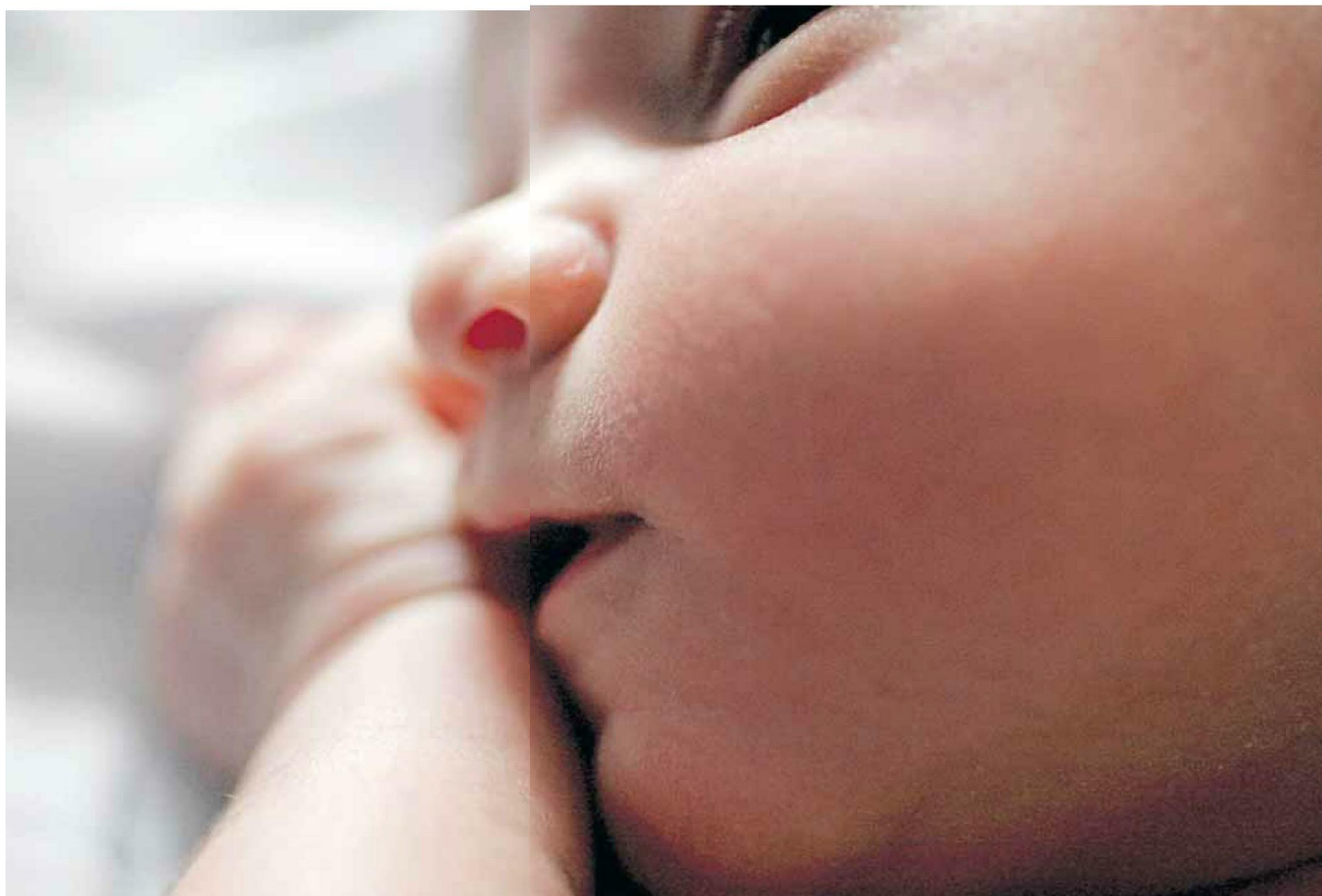
Secção: Nacional

Pág: 34;35



Como é que os bebês comunicam antes de começar a falar

A curiosidade surge logo após o nascimento e é o principal motor da aprendizagem



Área: 1328cm² / 71%

FOTO Titagem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6481384

Curiosidade, prematuridade e comunicação antes da fala foram alguns dos temas abordados esta semana durante as jornadas do Centro de Estudos do Bebê e da Criança do Hospital Dona Estefânia, em Lisboa

Teresa Sofia Serafim

No palco de um dos auditórios da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, Paulo Lameiro protagonizou um momento musical que costuma ser frequente nos seus concertos para bebés. Mas, dessa vez, o musicólogo e autor de projectos musicais para bebés e crianças como o Berço das Artes, em Pousos (Leiria), esteve perante a plateia das 2.ª Jornadas do Centro de Estudos do Bebê e da Criança do Hospital Dona Estefânia dedicadas ao tema “Comunicação e Linguagem na Infância”. “Os bebés são extraordinários mestres da comunicação”, disse sobre a sua experiência. Mas também confessou: “Fiquei perturbado porque não percebo nada de linguagem e de comunicação entendo muito pouco, mas levo daqui um alfofre cheio de conhecimento.”

Esse alfobre foi preenchido pelas apresentações e discussões de pediatras, neuropediatras, pedopsiquiatras ou terapeutas da fala ao longo de dois dias desta semana. Vinda de Inglaterra, Danielle Matthews, investigadora na Universidade de Sheffield, foi a convidada “especial” das jornadas. “A principal função da linguagem é não ficarmos sozinhos. Para isso, empenhamo-nos, coordenamo-nos e usamos a linguagem como uma ferramenta.” Assim se apresentou a cientista, que dedicou a sua palestra ao desenvolvimento da pragmática.

No que consiste? “Antes de conseguirem dizer as primeiras palavras, os bebés conseguem fazer gestos, balbucios ou expressões com os olhos. Aprendem muito sobre a linguagem antes das primeiras palavras”, disse ao PÚBLICO a investigadora. “A pragmática é o uso da comunicação para se interagir socialmente, o que poderá ser feito através de sinais para outras pessoas, bem como a percepção do contexto onde se está e até

onde vai a interacção social.”

Presente desde os primeiros meses de vida, podemos encontrar a pragmática quando um bebé vocaliza, capta a atenção dos pais com o olhar ou estende os braços e sorri para ser pegado ao colo. Por exemplo, encontramos-a no famoso jogo do cu-cu, quando o bebé espera pela resposta seguinte da mãe e tem expectativa na repetição da brincadeira.

Por volta do primeiro aniversário, os bebés lá aprendem as primeiras palavras. “Aprendem a falar ao interagir com outras pessoas, através de actividades intencionais para regular essas interacções ou com a imitação”, reforça Danielle Matthews. Mesmo assim, a investigadora refere que ainda há (muitas) grandes questões sobre a pragmática dos bebés. “Como é que as crianças descobrem a linguagem? Ou por que é que umas descobrem uma forma fácil de aprender a falar e outras comunicam com mais dificuldade? As grandes questões são sobre os mecanismos de aprendizagem desde os bebés até aos adolescentes.”

Viagem pela prosódia

Também Sónia Frota, investigadora da Faculdade de Letras e directora do Laboratório do Bebê de Lisboa (Lisbon Baby Lab) da Universidade de Lisboa, exemplificou como os bebés comunicam antes de aprenderem a falar. “O desenvolvimento da linguagem do bebé está a acontecer pelo menos logo desde a nascença. No fundo, até sabemos que acontece ainda dentro do útero, porque no último trimestre da gravidez já temos a maturação do sistema auditivo a funcionar.”

A investigadora mostrou como os bebés têm certas competências perceptivas para conseguir captar características da fala e desenvolver a linguagem. Sónia Frota levou-nos numa viagem sobre como os bebés desenvolvem a fala através dessas competências perceptivas, nomeadamente da prosódia – a melodia e o ritmo da

linguagem.

Logo nos primeiros dias, o bebé consegue distinguir línguas e isolar a sua língua nativa (ou mais do que uma). “Bebés recém-nascidos com menos de cinco dias são capazes de distinguir entre línguas a que nunca tinham sido expostos com base no ritmo das línguas”, explicou. Por exemplo, conseguem distinguir o inglês do italiano.

Aos quatro meses, já conseguem distinguir melodias que expressam diferentes significados. Ou seja, diferenciam uma afirmação de uma pergunta. “Os bebés expostos ao português fazem isto a partir dos quatro ou cinco meses, tal como os expostos ao basco. Já os que estão expostos ao inglês americano e ao alemão não têm esta competência tão cedo. Aqui temos o papel das línguas nativas.”

Um dos motivos para que isso aconteça será o uso do contraste melódico de forma sistemática entre uma pergunta e uma afirmação no português e no basco. Esta investigação foi feita no Laboratório do Bebê de Lisboa, onde já foram estudados cerca de 3000 bebés dos cinco aos 36 meses desde a sua inauguração em 2010.

A partir dos seis meses, começam a notar uma diferença na percepção entre os contrastes de consoantes da língua nativa e os contrastes de consoantes de uma língua que o bebé nunca ouviu. “Depois, aos 12 meses, quando percepcionam as consoantes [das línguas] nativas, as áreas [cerebrais] auditivas são activadas. Mas quando percepcionam consoantes de línguas não nativas, activam a área motora”, indica Sónia Frota. Ou seja, nestas últimas, os bebés continuam a treinar o movimento articulatorio porque estão a tentar perceber que língua é aquela.

“Se olharmos globalmente, encontramos uma série de indicadores sobre como vai ser o desenvolvimento do bebé”, referiu ainda a investigadora. A sua equipa quer perceber

quais são os indicadores mais robustos para que possam vir a ser usados no rastreio, monitorização e intervenção precoce no sector clínico.

Uma dança a dois

Antes de o bebé começar a falar, tem também uma “dança a dois” com o seu cuidador, como a mãe ou o pai. “Automaticamente, os bebés vêm equipados e predispostos para a comunicação. É algo que surge naturalmente do ponto de vista do bebé e que precisa de ser correspondido por parte do cuidador”, salientou o pedopsiquiatra Pedro Caldeira da Silva, co-coordenador do Centro de Estudos do Bebê e da Criança. A esta comunicação com o cuidador, o pedopsiquiatra chamou então na sua apresentação “dança a dois”. “Tem tudo a ver com a dança porque é formada por ritmos, melodia e uma grande sincronia. Ambos os parceiros têm de estar acertados nos diálogos.”

Sobre se há algo recomendável a fazer pelo cuidador na fase antes de o bebé começar a falar, Pedro Caldeira da Silva referiu que é importante saber quais são as características do bebé em termos de capacidade de lidar com os estímulos ou a capacidade de resposta. “Há bebés diferentes uns dos outros.”

Iniciado em 2017, o Centro de Estudos do Bebê e da Criança congrega a Unidade da Primeira Infância do Serviço de Pedopsiquiatria e a Unidade de Desenvolvimento do Hospital Dona Estefânia. Junta pedopsiquiatras, neuropediatras, pediatras do desenvolvimento, terapeutas da fala ou terapeutas ocupacionais. “Surgiu de uma vontade de promover um melhor cuidado a crianças que têm patologias da saúde mental na primeira infância. A melhor forma de cuidar destas crianças e das suas famílias era promover-lhes um olhar conjunto”, afirmou Cristina Martins Halpern, neuropediatra no centro.

Nas jornadas, Cristina Martins Halpern falou sobre prematuridade e linguagem. Têm os bebés prematuros mais dificuldades em comunicar antes de aprenderem a falar? “Provavelmente, a comunicação precoce é um dos aspectos mais frágeis quanto ao desenvolvimento da linguagem nos bebés prematuros”, respondeu a neuropediatra. “Quando nascem, a

prematuridade é global. Há um risco que envolve vários órgãos, nomeadamente o cérebro.”

Afinal, como frisou, a estadia do bebé prematuro no meio intra-uterino é interrompida. “É como se o meio intra-uterino fosse um ecossistema protector e perfeitamente orquestrado para que o bebé se desenvolva e, de repente, este ecossistema é interrompido. Desta forma, o bebé surge de forma abrupta na vida extra-uterina.”

Mas estes bebés também têm um “fortalecimento”. “Os bebés prematuros têm uma integração da informação que vem dos sentidos e fazem essa integração de forma multimodal. Isto é, estão mais receptivos à integração daquilo que vem do mundo exterior.” Desta forma, nas unidades de cuidado intensivo, onde estes bebés ficam, favorece-se o método canguru, em que se estimula o contacto pele a pele entre a mãe e o bebé.

Relativamente a outros bebés, a comunicação e a linguagem dos prematuros podem ser afectadas. Mesmo que não tenham lesões estruturais (lesões cerebrais evidentes), podem ter lesões microestruturais e alterações da conectividade cerebral.

Mata o gato, mas...

Já Rita Rapazote, também pedopsiquiatra do Centro de Estudos do Bebê e da Criança, mostrou como a curiosidade é uma chave-mestra da comunicação. “A curiosidade pode ter matado o gato, mas é ótima para os seres humanos”, brincou na sua apresentação.

É inata e surge logo após o nascimento, mas a sua forma de expressão vai mudando ao longo do tempo. Rita Rapazote explicou que os órgãos dos sentidos começam por ser os principais órgãos de exploração e expressão da curiosidade. Depois, esta vai-se refinando e passa de uma fase exploratória de movimento para o pensamento.

Não há bem uma receita ideal para ver se uma pessoa é curiosa. No fundo, depende das idades. Num bebé, detecta-se no seu interesse pela observação ou imitação. Um dia mais tarde, chegará a idade dos porquês.

Não ter curiosidade pode ser um problema. “Abaixo de um determinado nível de aparente falta de interesse, isso pode querer dizer que qualquer coisa não está bem com a crian-

ça”, referiu a pedopsiquiatra. Afinal, uma criança menos curiosa é uma criança que aprende menos. Para fomentar a curiosidade, os pais podem tornar-se um modelo para a criança ou observá-la e tentar entender o que lhe capta o interesse.

“A curiosidade é o principal motor da aprendizagem e está estudado que é um pilar tão ou mais importante do que outras dimensões da inteligência. Uma pessoa curiosa tem mais probabilidades de aprender mais, melhor e de se destacar de alguma forma”, resumiu Rita Rapazote.

Também Paulo Lameiro resumiu algumas histórias que lhe foram trazidas pelos bebés na preparação para os concertos. Numa delas contou que os bebés ficavam mais tempo concentrados a ouvir um bom professor de música do que um aluno mediano. “Desconfio que o professor lhes oferecia maior riqueza de estruturas e contrastes”, contou. Já entre o violino e a flauta transversal, os bebés concentravam-se muito mais tempo e choravam menos com o som da flauta. “A flauta transversal transmite o som com o mesmo vocalismo do tracto vocal e com a mesma respiração da memória intra-uterina.” Portanto, queriam voltar a ouvir os sons como se nunca tivessem saído da barriga da mãe.

teresa.serafim@publico.pt

Antes de conseguirem dizer as primeiras palavras, os bebés conseguem fazer gestos, balbucios ou expressões com os olhos

Danielle Matthews
Investigadora